

# “É PRECISO PENSAR NA SAÚDE DO OUTRO”

Relato de uma profissional da vigilância sanitária sobre a rotina em tempos de covid-19

ANA CLÁUDIA PERES

No dia do aniversário, Aline Borges comprou um bolo pullman, desses vendidos no mercado. À noite, depois de uma exaustiva jornada de trabalho, sozinha, ligou o computador no apartamento em Copacabana, Zona Sul do Rio de Janeiro, e fez uma videochamada para falar com os filhos que tinham passado a morar com o pai, provisoriamente. Foi o mais perto que conseguiu chegar dos garotos de 14 e 16 anos, em 90 dias. Durante todo esse período, também ficou sem ver os pais idosos cuja casa está a apenas poucos metros de distância da sua. Isolada da família, ela viveu todos esses dias mergulhada em uma rotina profissional que vai desde a montagem de protocolos sanitários até a inspeção física em estabelecimentos comerciais. Médica-veterinária, Aline trabalha há 17 anos como profissional da Vigilância Sanitária e, por mais que já tenha experimentado situações limite, nunca viveu nada parecido com o momento atual.

“Embora soubesse que historicamente as pandemias acontecem, não imaginava passar por algo com a força da covid-19”, conta. “Tudo isso é muito desafiador e a gente vem se preparando na prática. Ao longo dos últimos meses, estamos aprendendo com o dia a dia”. Se em tempos normais ela está acostumada com tudo o que diz respeito à fiscalização, inspeção e monitoramento de produtos, agora a atenção é dobrada. Higienização das mãos, disponibilização de álcool 70%, fornecimento de equipamentos de proteção individual (EPIs) para funcionários e cumprimento da orientação de distanciamento social para evitar aglomeração viraram “regras de ouro” — esse, aliás, foi o título dado ao conjunto de normas de segurança sanitária exigidas em setores de serviço como bares, restaurantes, academias e shoppings, desde o início de junho, quando começou uma nova fase do plano de retomada gradual de atividades na cidade do Rio. Ela própria participou da equipe de elaboração do protocolo.

Como outros trabalhadores que atuam na linha de frente da luta contra o novo coronavírus, Aline corre riscos para evitar que outros se contaminem — numa simples ida ao

supermercado, por exemplo. Esses espaços que permaneceram abertos desde o início da pandemia mereceram legislação específica, estabelecida por decreto. A cada visita, as equipes de fiscalização tinham de considerar a higienização de carrinhos e cestas, limpeza permanente de qualquer superfície de contato direto, abastecimento com álcool e insumos de papel e saboneteira, além do uso indispensável de máscara. “Para funcionários dos caixas que ficariam numa distância do cliente menor que dois metros, exigíamos a colocação do anteparo de acrílico ou mesmo a utilização do *face shield* [proteção facial tipo escudo] como complementação da máscara”, relata. “Foi uma mudança de protocolos e cabia a nós, primeiro, orientar os estabelecimentos para o passo a passo e, depois, verificar se o decreto estava sendo cumprido”.

Numa atividade que se dedica a promover saúde desenvolvendo ações para eliminar ou prevenir riscos à população, a chegada de um vírus com a força do SARS-CoV-2 exige adaptações. Na equipe de Aline, ela conta, muitos profissionais precisaram se afastar do trabalho por fazerem parte de grupos de risco e outros ainda por terem testado positivo para covid-19. Com as equipes reduzidas e o trabalho multiplicado, cada profissional passou a trabalhar por dois, às vezes mais. “Foi preciso unir forças e experiências de todos os setores. Estamos entrando em todo tipo de comércio e atividade econômica”, continua. “Não houve um dia que eu não tenha trabalhado”. Como coordenadora de alimentos do órgão, função que exerce atualmente, ela atuou ainda no auxílio à montagem de um hospital de campanha na capital fluminense. Assim, era comum encontrar Aline envolvida durante o dia em uma reunião de um comitê estratégico para discutir protocolos e burocracias e, na sequência, seguir com a equipe para checar uma denúncia em um supermercado, mas também inspecionar agências bancárias e verificar a quantas andava a aglomeração nas filas da Caixa Econômica Federal para retirada do auxílio emergencial, ou ainda, durante um final de semana, circular por bares e restaurantes em uma ronda noturna.



### INSULTOS, FUTEBOL E PLANTÃO

– A gente paga você, filho. O seu salário sai do meu bolso, disse a mulher no bar lotado.

– Cadê sua trena? Quero saber como você mediu sem trena, acrescentou o homem ao seu lado.

– Tá, cidadão, retrucou o fiscal da Vigilância Sanitária, tentando explicar ao casal que havia muitas irregularidades no bar em que estavam, como por exemplo o descumprimento à regra de distanciamento de 2 metros entre as mesas.

– Cidadão, não. Engenheiro civil, formado. Melhor do que você, disparou ainda a mulher contra o fiscal.

Foi com a equipe de Aline que aconteceu um episódio que acabou ganhando repercussão nacional, quando o Fantástico (5/7) noticiou um casal intimidando um fiscal da Vigilância Sanitária durante uma inspeção de rotina. As imagens com o diálogo acima viralizaram nas redes sociais. Naquela noite, Aline não estava presente, mas na véspera, durante seu plantão pela mesma região de bares, também ouviu improperios e foi

hostilizada. “Enquanto não chega bem perto delas, talvez as pessoas não tenham noção do tamanho do problema. Elas ainda não entendem a gravidade e continuam querendo ir para a rua”, lamenta, citando ainda um outro momento crítico enfrentado pelas equipes da Vigilância Sanitária, quando os shopping centers voltaram a abrir as portas. Durante uma ação de fiscalização, realizada em comboio com outros órgãos como Secretaria Municipal de Ordem Pública (Seop) e Guarda Municipal, foram interditadas lojas por aglomeração e aplicadas multas aos proprietários. “Era véspera do Dia dos Namorados e tivemos muitos problemas. Mas estávamos ali, atuando, com orientações justamente para que não houvesse um retrocesso e um aumento na curva de casos”.

Quando *Radis* entrevistou Aline, em meados de agosto, o país ainda sustentava a marca nada honrosa de mais de mil mortes diárias. Segundo ela, as equipes vinham sendo recebidas com um pouco mais de respeito, mas ainda era preocupante o modo como o público se comportava. “Os protocolos foram criados com muita rigidez. Eles seguem sendo ajustados de acordo com os indicadores da Saúde”, disse, argumentando o papel decisivo dos fiscais da Vigilância Sanitária no cumprimento das orientações. Uma das maiores dificuldades no Rio de Janeiro, relata, continuava sendo convencer os donos de botecos a desligar a TV na hora do futebol — hábito antigo na cidade, as pessoas seguem aglomerando dentro e fora dos estabelecimentos, ocupando as calçadas para torcer, ignorando as orientações sanitárias (e o bom senso).

Depois dos 90 dias iniciais e três testes negativos, era preciso tentar ajustar a agenda para ter os filhos por perto. De volta ao lar, os garotos passaram a se revezar entre a casa da mãe e a dos avós. Tudo parecia retornar à rotina e, no segundo domingo de agosto, Aline conseguiu inclusive visitar o pai brevemente. Mas foi apenas uma trégua. No horário marcado para a entrevista com *Radis*, a conversa precisou ser adiada. Ela estava em trânsito e às voltas com exames dos pais — ambos haviam testado positivo para covid-19, ainda que numa forma branda da doença. Aline continua com uma rotina puxada. Costuma sair de casa às 8 da manhã e não tem hora para concluir a jornada de trabalho. Mas ao final do dia, junto com o cansaço, vem também a sensação de dever cumprido. “Saúde pública é isto: a gente tem que pensar na saúde do outro. A nossa, é consequência”, resume. “Fazemos tudo o que é possível e até aquilo que está além do nosso alcance. Agradeço todos os dias não ter ficado doente para poder me doar ao máximo”.

Ao final da entrevista, ficou combinado que Aline enviaria à *Radis* um relato sobre o plantão noturno que faria na sexta-feira seguinte por bares e restaurantes. Após o fim de semana, a reportagem recebe uma mensagem: “Os estabelecimentos estão adotando o protocolo, ‘regras de ouro’ (distanciamento, máscara etc). Porém, os jovens em alguns locais se aglomeram nas ruas. Muito difícil controlar, depende muito da boa vontade e da responsabilidade de cada um”. Esse foi o resumo que Aline ouviu da sua equipe. Ela aproveitava para se desculpar por não dar mais detalhes:

– Acabou que não fui ao plantão. Fiquei com medo de contaminar alguém. Fiz PCR [exame para detecção do novo coronavírus] na sexta. Hoje saiu o resultado e estou positiva. 